

Três alternativas para o projeto da Aracruz Celulose

por Cynthia Malta
de São Paulo

O projeto de expansão da Aracruz Celulose S.A., envolvendo investimentos da ordem de US\$ 1,1 bilhão, a ser desenvolvido nos próximos três anos, prevê uma parcela de US\$ 150 milhões, cuja fonte de recursos ainda não foi definida pela empresa.

Segundo o seu presidente, Francisco Gros, "existem três alternativas em estudo: aporte de capital dos acionistas, reempréstimo e conversão da dívida externa em investimentos".

O setor de celulose, juntamente com o de papel e papelão, figura entre os preferidos dos investidores estrangeiros nos seis leilões realizados até agosto (o sétimo, na quinta-feira, 29 de setembro em São Paulo, ainda não tinha divulgado, até o fechamento desta edição, os setores que tinham recebido investimentos). Dos US\$ 870,5 milhões já convertidos, a indústria de celulose absorveu US\$ 102,6 milhões, correspondendo a 11,8% dos investimentos — e, por isso, as vantagens que a Aracruz poderia obter optando pela conversão "são atraentes", observa Gros, acrescentando que tem recebido "algumas propostas".

No entanto, Gros explica que o projeto de expansão da Aracruz — que de uma produção atual de 490 mil toneladas por ano deverá atingir cerca de 1,025 milhão de toneladas por ano até 1993 — "não necessita de um capital permanente (no valor de US\$ 150 milhões) somente para três ou quatro anos, que é o tempo previsto para a conclusão do projeto". Ou seja, caso a Aracruz optasse por buscar recursos correspondentes a US\$ 150 mi-



Francisco Gros

lhões pelo sistema de conversão da dívida em investimentos, a empresa estaria permitindo a entrada de novos sócios. "E não é esse o nosso caso. Não precisamos de capital permanente", esclarece Gros.

Com a opção de conversão da dívida em capital de risco praticamente descartada por Gros, resta à empresa decidir entre aporte de recursos por parte dos acionistas ou a utilização do sistema de *reelending* (reempréstimo). Essa decisão será tomada no primeiro semestre do próximo ano. Gros adianta, porém, que "talvez o reelending seja mais interessante para a empresa".

O sistema de reelending permite aos bancos estrangeiros credores do Brasil "sacar recursos do Banco Central e reemprestar aos seus clientes", explica Gros, que prevê o início dessas operações para daqui a um mês, uma vez que o acordo de renegociação da dívida externa já foi fechado.

Gros considera o reelending, apesar de ainda desconhecer os detalhes, "uma opção interessante, como fonte alternativa de financiamento de longo prazo".